

DO IMPERIALISMO TROPICAL À REPÚBLICA: A VERGONHA DO BRASIL NA LITERATURA REGIONALISTA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS

Dra. FABIANNA SIMÃO BELLIZI CARNEIRO
Universidade Federal de Goiás (UFG)
Catalão, Goiás, Brasil
carneirofabianna@gmail.com

RESUMO: Ao exibir um sertão bárbaro, incrustado nos ermos do Centro-Oeste, Hugo de Carvalho Ramos expõe os problemas do campo no momento em que o Brasil avança em seu processo de industrialização capitalista, não podendo, portanto, expor as marcas da miséria. Objetiva-se, através de análises dos contos “A bruxa dos Marinheiros” e “À beira do pouso”, publicados inicialmente em 1917 na coletânea *Tropas e boiadas*, evidenciar o discurso progressista que delimita o distanciamento entre elite e povo, visto que a elite está vinculada ao discurso racionalista, enquanto que o povo ao atraso de um Brasil a ser combatido, de acordo com a visão das classes dominantes. A metodologia se pauta em pesquisa bibliográfica que será devidamente referenciada ao longo do texto.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Literatura Regionalista. Hugo de Carvalho Ramos.

Artigo recebido em: 14 jun. 2018.
Aceito em: 21 jul. 2018.

FROM TROPICAL IMPERIALISM TO THE REPUBLIC: BRAZIL'S SHAME IN THE REGIONALIST LITERATURE OF HUGO DE CARVALHO RAMOS

ABSTRACT: Showing a barbarian hinterland, encrusted in the wild central-west, Hugo de Carvalho Ramos exhibits countryside troubles at the moment Brazil advances in its capitalist industrialization process, not being allowed, however, to expose signs of misery. The aim of this research is to analyze the short-stories “A bruxa dos Marinheiros” and “À beira do pouso”, first published in 1917 in the collection *Tropas e boiadas*, highlighting the progressive discourse that delimits the distance between the ruling elite and the common rabble, observing that the elite is associated to a rational discourse whilst the common rabble to an outdated Brazil to be fought, according to the vision of the ruling classes. The methodology is grounded in bibliographic research that will be properly referred to along the text.

Keywords: Brazilian Literature. Regionalist Literature. Hugo de Carvalho Ramos.

TROPAS E BOIADAS: BREVES NOTAS INTRODUTÓRIAS

Em *História da Literatura Brasileira*, José Veríssimo pontua que “não se sai imune de uma corrente literária para outra. Levam-se sempre ressaibos daquela” (s/d, p.333). Fato que pode ser notado no Realismo-Naturalismo brasileiro, em que ainda se apresentam resquícios da escola romântica, porém com vislumbres do Realismo. A isso podemos creditar um fator de ordem cronológica, uma vez que o Romantismo europeu tarda a despontar no Brasil, vindo para cá com feições de transição. O que se pode aferir, entretanto, é que houve uma produção naturalista influenciada pelo Determinismo, muito embora tanto os românticos, quanto os naturalistas, com ajustes diferentes e modulações variadas, tenham levado às suas narrativas a influência do meio nas ações e sentimentos humanos. Desse modo, ofereceram ao público um tipo de ficção romântica com nuances do Realismo e, posteriormente, ficção realista com nuances do Romantismo (CANDIDO, 1981, p.111). Tal se evidenciou no romance regionalista, em que se desenvolveu forte tendência realista ainda durante a escola romântica.

Se essas ocorrências se registram, considerando-se, primordialmente, os relatos colhidos pelos romancistas e tão bem detalhados e trabalhados nas produções regionais, devemos propor um olhar com mais acuidade e uma análise

mais profunda quando se afirma que o romance regionalista procura ser real. Isso não quer dizer que se torne *realista*, uma vez que a distinção entre um e outro depende, dentre outros fatores, da formação do romancista, do processo de desenvolvimento do material colhido da realidade e, obviamente, das tendências próprias de cada escola (CASTELLO, s/d, p.47). Ressaltamos tais ocorrências nas narrativas de Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), que conseguiram iluminar a “alma” goiana mesclada à aspereza e problemas autênticos da região, o interior de Goiás, que tramitava entre o fim do coronelismo e o início das relações industriais no campo. Sua autenticidade faz com que as narrativas ultrapassem o simples quadro físico ao denunciar o drama e a aspereza do homem do campo da época.

De aguda observação e minucioso conhecimento dos costumes do interior de Goiás, Hugo de Carvalho Ramos chancela suas narrativas sob o viés da denúncia, expondo a condição do trabalhador rural esmagado pela sociedade agrária da Primeira República (1889-1930). Aliás, Ramos foi além disso ao propor “[...] a edição de uma literatura nacionalista, demolidora da dependência intelectual aos estrangeiros, para a qual o regionalismo viria contribuir sobremaneira” (VICENTINI, 1986, p.12).

Embora o Romantismo já demonstrasse a ruptura com o cânone português, o Pré-Modernismo ataca, de forma mais veemente, os vínculos culturais que ainda nos prendiam à antiga matriz portuguesa, bem como rompe com o conservadorismo apregoado pelos românticos, que exaltavam os aspectos positivos e idílicos da nação brasileira. Se durante o Romantismo os narradores apresentavam a exuberância de nosso país, dando crédito às lendas e credices, no Pré-Modernismo, temos narradores que anunciam um tom mais cético e realista, fato recorrente em Hugo de Carvalho Ramos. Considerado um renovador entre os escritores regionalistas (TELES, 2007, p.51), Ramos conseguiu infundir na temática regional uma nova proposta, baseada na intenção explícita de pôr à mostra os velhos hábitos de exploração social do trabalho no campo, e de insistir na individualidade literária através de uma produção mais consciente, sem os arroubos ufânicos e mais próxima da realidade rural.

Hugo de Carvalho Ramos publica seu único livro, *Tropas e Boiadas*, em 1917. Nesse período, houve a consolidação de subculturas regionais, delineadas por um tipo de regionalismo menos romântico e mais pensado, intencional e, por vezes, polêmico. Ao que tudo indica, a produção de Ramos atesta isso: sua *práxis* literária caminhava atenta ao momento político e social pelo qual atravessávamos, marcado pelo discurso cientificista por parte da elite brasileira. Ao juntarmos diferentes opiniões de críticos a respeito da produção de Ramos, apontamos que sua obra possui um aspecto social que denuncia os estereótipos negativos do sertanejo “que poucos conhecem, que os estadistas não querem ver e que a elite intelectual ainda não sentiu e compreendeu” (VICENTINI, 1986, p.12), conforme atestaremos ao analisarmos os contos “A Bruxa dos Marinheiros” e “À beira do pouso”.

O BRASIL QUE SE TENTAVA ESCONDER

Recebida com interesse pela crítica e pelos principais escritores da época, a coletânea *Tropas e Boiadas* não tivera grandes repercussões em Goiás, permanecendo ignorada por um tempo, quando, então, é descoberta pela nova geração após a mudança da capital para Goiânia. A obra fora publicada em um momento de transições, e, embora o país houvesse atravessado a mudança de poder, quando passávamos de sistema aristocrático para o sistema republicano, em Goiás, algo orgânico à escravidão africana ainda acometia o campo. O coronelismo impunha, na falta de mãos negreiras, um sistema escravocrata também perverso e cruel, subjugando o trabalhador rural com dívidas que não tinham fim, a menos que o trabalhador fosse resgatado por outrem, ou seja, vendido para outros coronéis, conforme se dá no conto “Gente da gleba”:

Geralmente, o empregado na lavoura ou simples trabalho de campo e criação, ganha no mínimo quinze mil réis ao mês. Quando tem longa prática no traquejo e é homem de confiança, chega a receber vinte, quantia já considerada exorbitante na maioria dos casos. É essa a soma irrisória que deve prover às suas necessidades. Gasta-se em poucos dias. Principia então a tomar emprestado ao senhor. Dá-lhe este cinco hoje, dez amanhã, certo de que cada mil réis que adianta é mais um elo acrescentado à cadeia que prende o jornaleiro ao seu serviço. Isso, no começo do trato; com o tempo, a dívida avoluma-se, chega a proporções exageradas, resultando para o infeliz não poder nunca saldá-la, e torna-se assim completamente alienado da vontade própria. Perde o crédito na venda próxima, não faz o mínimo negócio sem pleno consentimento do patrão, que já não lhe adianta mais dinheiro. É escravo da sua dívida que, no sertão, constitui hoje em dia uma das curiosas modalidades de antigo cativo. Quando muito, querendo de algum modo mudar de condição, pede a conta ao senhor, que fica no livre arbítrio de lhe dar, e sai à procura dum novo patrão que queira resgatá-la ao antigo, tomando-o a seu serviço. Passa assim de mão em mão, devendo em média de quinhentos a um conto a mais, maltratado aqui por uns de coração empedernido, ali mais ou menos aliviado dos maus tratos, mas sempre sujeito ao ajuste, de que só se livra comumente quando chega a morte. (RAMOS, 2003c, p.128)

Em *Tropas e boiadas*, Hugo de Carvalho Ramos se serve de uma linguagem comum e popular, com certa contenção estilística. Não deixa, contudo, de criar uma atmosfera de conflito, convertendo a fidelidade documental em um estilo muito próprio, em que o regionalismo se apresenta como partida, e não chegada. Com individualidade literária e um modo de escrever mais consciente, Ramos não se limita à barreira do pitoresco ou limitadamente regional (TELES, 2007, p.53-54). Ademais, manifestações recorrentes, na obra do escritor, são os elementos

decadentistas como fantasmas, o sobrenatural e o macabro, que com frequência aparecem em narrativas regionalistas, através de *causos de assombração* e com forte teor popular. São narrativas em que o medo e a apreensão rondam conversas de tropeiros e viajantes, à volta de fogueiras, contados de forma despreziosa e natural, como se fizessem parte da rotina dos moradores: “Cheguei solerte pé ante pé, negaceando, pronto a queimar as escovas na cabeça do Mal-encarado ou o que quer que fosse que impedia a passagem” (RAMOS, 2003, p.23).

Nas narrativas de Ramos, as manifestações do irreal beiram o grotesco e não indagam nenhum universo ou cosmogonia idealista (GONÇALVES, 1981, p.73-74), apenas propõem a existência de um pensamento cristalizado que comprova a naturalidade das *estórias e causos de almas do outro mundo*, como se fossem um patrimônio da região. O autor se apropria desse acervo e o realiza dentro da narrativa através do reconto, intertextualizando-o, assim, com o universo daquelas pessoas e fazendo com que o *causo*, de modo geral, ocupe o núcleo narrativo do conto, ou seja,

sem o fantástico instituído por esta forma simples, o conto carvaliano não encontra razão de existir. Faz parte do conto e não está ali apenas para preencher o espaço: os personagens e os leitores sempre tiram do reconto uma lição de vida e a isto é que interessa o seu relato como forma literária. (GONÇALVES, 1981, p.85)

Nota-se, também, que o reconto, introduzido através dos *causos fantásticos*, perfila-se não como hesitação ou indagando algum universo, mas como crença real daquelas pessoas, e dizem muito a respeito de uma parcela da população que a elite desejava expurgar de seus quadros sociais por não representarem a modernidade e o avanço que se propunham nos primeiros anos de República brasileira.

A mudança de sistema político ocorrida no Brasil em 1889, quando passamos de país imperial para país republicano, fez com que o sentimento de antagonismo entre a elite do campo e a da cidade ganhasse ainda mais destaque no cenário político e econômico brasileiro. Esse antagonismo já se manifestara há alguns anos, antes de eclodir o movimento que levaria os republicanos ao poder, quando nos centros urbanos que se formavam, os pequenos comerciantes, burocratas, estudantes, empregados do comércio, ou seja, pessoas que tinham acesso ao pensamento europeu e que não estavam sob a tutela dos donos de terra que dominavam o campo, se juntavam em revoltas urbanas e contestatórias. Ademais, iniciou-se um forte grupo composto por oficiais recém-formados que lutavam com afinco pelos ideais republicanos, creditando neles a mudança que elevaria o Brasil à categoria de país modernizado:

Esses estudantes [...] absorveram o cientificismo difundido pelo pensamento europeu da época e em geral viam a si mesmos como servidores cientificamente treinados do futuro de sua nação – os defensores altruístas e militantes da “modernização” da

pátria. Com frequência identificavam na classe dominante seu inimigo natural: uma força que mantinha o país débil e atrasado apenas para continuar promovendo os interesses da elite agroexportadora e garantir os privilégios dos seus membros e apadrinhados. Seria supérfluo afirmar que tais oficiais eram em sua maioria republicanos. A Monarquia, bastião da antiga ordem, não tinha vez no Brasil “moderno” que vislumbravam. (NEEDEL, 1993, p.27)

Entretanto, não foram os ricos fazendeiros que sofreram as consequências do novo sistema. Em 1898, ressurgem as forças tradicionais no Rio de Janeiro e no resto do país. Após o período de transição até se decretar a República (1880-1897), frustra-se a tentativa do segmento urbano de minar de vez o domínio exercido pela elite tradicional. Assim, cria-se um interlúdio que afetava tanto os republicanos quanto os abolicionistas, “sem destruir, contudo, os alicerces do poder das elites agrárias e de seus aliados, nem impedir a formação de um governo para atender aos anseios dos grupos mais poderosos” (NEEDEL, 1993, p.40).

Os mais afetados pelo surgimento do poder republicano foram os pobres trabalhadores rurais. As mudanças no campo, o aumento da população urbana, o arrefecimento da tradição da elite rural, a importação das ideias científicas europeias, bem como as reformas urbanas e sanitárias promovidas por Campos Sales contribuíram ainda mais para que o campo fosse visto como local de pessoas que formavam um entrave aos ideais progressistas e científicos tão preconizados na virada do Século XIX para o XX. Tal se deveu, em grande parte, à presença britânica em terras tropicais.

Vale destacar que o conceito de decadência advindo desde a época de extração do ouro, no Brasil, entre os Séculos XVIII e XIX, cristalizou-se com sua efêmera duração e sem uma estrutura que suportasse os pequenos povoados e arraiais surgidos, entrando em declínio econômico. Historiadores e viajantes do período passam a traçar um perfil da sociedade que sobreviveu ao sonho do ouro: “Dessa sociedade irá se extrair o conceito que a resumirá em uma só palavra e a introduzirá numa imagem capaz de eternizações memoriais na redoma da historiografia que a envolveu por séculos: a imagem da decadência” (CHAUL, 2010, p.41). Aliado a isso, havia o fato de os viajantes, que passavam por Goiás, trazerem os referenciais europeus de progresso, portanto creditavam à inércia, ao ócio, ao abandono e ao isolamento os fatores que postulavam a decadência da região, sem contestarem que, na verdade, o descaso e falta de incentivos governamentais deixavam o Estado na mais absoluta situação de precariedade:

Os relatos deixavam implícito que Goiás precisava de mão de obra produtiva, de trabalho livre, de substituição do ócio pelo negócio. Goiás carecia de povoamento, de gente para produzir, de capital e desenvolvimento. Goiás, portanto, era totalmente diferente da terra que povoava as ideias dos viajantes, e divergia ao extremo daqueles padrões europeus de modernidade e progresso, padrões esses que tinham presentes

a ética protestante do capitalismo (ou seja, trabalho, parcimônia, ascetismo) e a superpopulação do século XIX. Era com esse olhar que os viajantes descreviam o estado. Eles não vislumbravam a outra face do espelho do século XIX ao olhar para Goiás. (CHAUL, 2010, p. 43)

Acreditava-se, então, em uma sociedade tida como decadente, ao passo que, paradoxalmente, ela nem atingira padrões de modernidade europeus. Um dos fatos que conduziram os viajantes a enquadrarem Goiás no circuito das sociedades decadentes assenta bases na falta de comunicação, ou seja, no problema dos caminhos e estradas quase inexistentes para a região, que, com o esgotamento do ouro, se tornam ainda mais precárias: “Ao acabar-se o ouro a inevitabilidade das distâncias devia impor-se com sua realidade brutal. As populações do interior ficavam isoladas como naufragos sem possível retorno” (PALACÍN, 1982 *apud* CHAUL, 2010, p. 46).

Acostumados ao padrão de labor anglo-saxão, os viajantes europeus creditavam ao ócio a causa da miséria e pobreza que dominavam o interior, uma vez que em um local onde se extraía ouro deveria haver riqueza e abundância, sob a perspectiva desses viajantes. Portanto, “o outro lado da moeda” escondia as verdadeiras razões que deixavam as populações apartadas do progresso em ascensão nas cidades, uma vez que a Coroa portuguesa não se interessava em reabilitar uma região que somente fora interessante durante a produção aurífera. Os viajantes europeus não tinham uma visão geral do contexto da região ao censurarem os habitantes locais e culpá-los pelas desvantagens econômicas e sociais, pois estes eram obrigados a trabalhar nas minas e não usufruíam do que extraíam, uma vez que o ouro alimentava somente a Corte Portuguesa. Os viajantes estavam acostumados com o progresso e desenvolvimento europeus, itens que a província de Goiás ainda não conhecia por falta de condições e por um apego ao cotidiano de seus dias que, “soando iguais, mais pareciam avarezas de Deus” (CHAUL, 2010, p.67).

O isolamento, amalgamado à ideia de decadência e à falta de perspectivas de crescimento, fez com que fosse levado aos europeus, no período pós-mineração, de forma muito rígida e absoluta, a ideia de sertão como local de pessoas que viviam em uma espécie de letargia e marasmo social. Avultavam-se as ideias culturais vigentes, trazidas pelos ingleses vitorianos, ainda ressentidos com o crescimento populacional de Londres e de como eles viam a crise social atrelada à falta de sensibilidade das massas: “parecia que as massas não eram apenas degradadas e ameaçadoras, mas também que não estavam plenamente vivas. Uma alegação comum é que lhes falta alma” (CAREY, 1993, citado em SILVA, 2015, p.37-38).

Percebe-se, então, como se construiu a ideia europeia de povo indolente que causaria o atraso e o subdesenvolvimento na região. Tal ideia sedimenta-se durante o período aurífero e estende-se durante a pecuária, que precede a mineração e ganha contornos de atividade econômica no início do Século XX, mantendo o erário

do Estado até o momento em que a produção no campo tom rumos capitalistas. Graças à pecuária, Goiás pode se recuperar da estagnação econômica vivenciada após o fim da mineração. Sendo uma atividade de maior durabilidade que a exploração de ouro, menos esgotável e com menores investimentos, foi possível abrir estradas, caminhos, cidades e o estado começa a ser mais povoado. Fatos que não passaram despercebidos a Hugo de Carvalho Ramos, conforme podemos notar em um excerto do conto “A bruxa dos Marinheiros”:

Por ali passavam tropas mineiras dalém Paraíba – rijos tocadores palmilhando as alpercatas de couro cru pela extensão ardente e arenosa das estradas poentas, ladeadas às vezes de barrancos, escarpados e esfarinhentos de pedra-canga, por cujas erosões, vincadas, medrava tenaz o catingueiro parasitário dos motores. Por ali passavam, barulhentos e ralhadores, de peregrinações distantes. (2003a, p.30)

Na coletânea *Tropas e boiadas*, o autor demonstra solidariedade ao trabalho árduo dos tropeiros e vaqueiros, reforçando que são pessoas que vivem de forma miserável. A obra, ao oscilar entre o retrato da paisagem do sertão goiano e o tipo de vida dos vaqueiros, que se inicia com Ramos e ganha força com o também goiano Bernardo Êlis, três décadas depois, acentua o tom de denúncia.

Nas sociedades não industrializadas da época imperial, mais especificamente no interior do Brasil, formavam-se pequenos núcleos urbanos do tipo vilas e até pequenas cidades, onde se concentravam e se distribuíam mercadorias, além de servirem como ponto de comunicação e relações pessoais. Esses povoados eram dominados pelos coronéis e grupos de parentelas, e espacialmente possuíam certas delimitações, estando a casa do fazendeiro separada da periferia, composta por casebres habitados por indivíduos de posições sociais inferiores. Com o início da industrialização da Primeira República e o crescimento demográfico e urbano, atenua-se o poder dos chefes locais, os coronéis, e, conseqüentemente, a população pobre do campo é a primeira a sofrer os efeitos dessa crise.

Em “A bruxa dos Marinheiros”, mostra-se essa decadência espacial. O conto é dividido em duas partes, sendo que na primeira o narrador descreve o papel social e econômico da venda como reduto de forasteiros e tropeiros, na segunda, ele anuncia uma mudança temporal: “Ali passei eu duma feita pelo arroxear suave de melancólica tarde de fins de verão” (RAMOS, 2003a, p.36), sinalizando que onde antes existia uma venda, agora só há escombros e abandono: “tão ocos, tão vazios, como o interior bolorento daquele mesmo casebre, a desfazer-se em ruínas, como uma enorme maldição, sob o matagal” (RAMOS, 2003a, p.37). Nesse momento, a literatura brasileira tangencia as narrativas góticas inglesas tradicionais, que, ao absorverem o momento de declínio do Regime Absolutista e transpô-lo para a literatura, o fazem através de castelos decadentes, casas em ruínas e abandonadas no escuro da floresta, incorporando a própria ruína sociopolítica (MONTEIRO, 2004, p.139).

Tal perspectiva, presente em “A Bruxa dos Marinheiros”, mostra-nos que a convenção gótica tradicional teve representantes no Brasil, e Hugo de Carvalho Ramos nos fornece indícios disso. Além da decadência do local, do espaço lúgubre e amedrontador – “Um limo viscoso e esverdeado, gotejado pelo estilicídio dos beirais desconjuntos e a cair, sobrepunha-se em camada fina, rente ao chão, no rodapé d’oca barroza” (RAMOS, 2003a, p.37) –, temos um importante elemento que até então não se mostrava na literatura regionalista durante o Romantismo: o confronto entre a realidade insólita do sertão e a realidade do viajante ou forasteiro, que ao se deparar com um mundo repleto de crendices e abusões, estranha tal realidade.

Homônimo ao conto, a Bruxa dos Marinheiros era o nome de uma pequena venda que servia aos tropeiros, pequenos comerciantes e moradores locais, cuja proprietária era uma mulher sedutora dada a feitiçarias e quebrantos. Se, no Romantismo, as bruxas reforçavam o caráter lendário de um país que se fundava, no Pré-Modernismo, a bruxa representa uma mulher “real”, que apenas ganha essa alcunha pelo fato de ser dada a feitiços e mandingas. Isso também passa a ser contestado pelo narrador, que observa tais pessoas como pertencentes a um passado de atrasos e ignorância. O momento era de transição, e ainda trazíamos vestígios do Romantismo em um momento cultural que, posteriormente, celebraria o início do Modernismo. O narrador desse conto vacila entre dar créditos ou não às crendices perpetuadas na região por onde sua tropa passava:

Entretanto, no verde perene de que se revestia o sítio, havia algo de anormal e trágico, misto vago de íntimo terror e inexplicável aperto, a gerar arrepios de pavor aos que, como eu, se detivessem a contemplar, àquela hora do anoitecer, o estranho aspecto da tapera, batida a cumeeira de telha-vã dos últimos clarões crepusculares. (RAMOS, 2003a, p.37-38)

Hugo de Carvalho Ramos traz à luz a análise que a elite imperial e pré-republicana fazia do povo brasileiro: ao contrapor a visão do colonizado à visão do colonizador, a literatura brasileira pré-modernista o faz sem as lentes idílicas do Romantismo. O Brasil da República Velha acalentou o sonho europeu de tentar formar uma nação aos moldes caucasianos, algo que não se comprazia com a realidade daquele sertão permeado por toda sorte de crendices e superstições. Nos últimos momentos do conto prevalece o ideal imperialista metaforizado na postura do narrador, que, na incerteza entre acreditar ou não nas histórias assombrosas da região, resolve se distanciar com certa apatia dos relatos ouvidos pelo morador:

Ele – viagem andante viera narrando a íntima satisfação e gozo violento de que se sentia noutras eras invadido em se aproximando dessas bandas – olhou-me em silêncio d’alto a baixo, como que avaliando se estava a zombar; esteve algum tempo considerando, incrédulo da presumida ignorância, fez depois uma visagem

supersticiosa de esconjuro, e o índice afuzilado – cor de tisne – designou um marco carunchento, que as enxurradas tinham aluído, meio oculto em macegas de São Caetano.

– Uma cruz...

– Aqui, patrão, pela passagem das últimas boiadas, encontraram-se e acabaram a botes de faca, dous cabras da terra, ambos desempenados e amigos, aos quais desnortearam as mandingas da bruxa: filhos do mesmo pai, filhos da mesma mãe...

Quedou-se mão no queixo, a olhar estarecido. No céu, lacrimejava já a estrela boieira. Um acauã grazinou mato adentro, espreitando agoureiro.

Benzeu-se, e ferrando esporas, afastou-se cabisbaixo, a trote rápido.

– E a bruxa? – disse alcançando-o.

– Ah, sim, a bruxa... Essa, decerto, levou-a o cuca num pé-de-vento, à hora da meia-noite, pela sexta-feira do quarto minguante... (RAMOS, 2003a, p.38)

Ao expor e denunciar as mazelas que existiam no interior do Brasil durante a República Velha, Hugo de Carvalho Ramos abre caminho para discussões e críticas em relação ao modelo positivista que se queria impor, bem como revela que o discurso racionalista da “Ordem e Progresso” embute o preconceito e a discriminação em relação ao *outro* que não se compraz à norma por trazer distinções raciais, culturais, geográficas, religiosas e institucionais, o que também podemos notar no conto “À beira do pouso” (2003).

A narrativa inicia-se com um narrador onisciente, que viajava com uma tropa de moradores do sertão e que resolvem pousar em uma instância. Nos primeiros parágrafos, podemos notar a crença nos mistérios: “O arrieiro, mestiço traquejado e serviçal, na sua voz grossa e arrastada de cuiabano, arrematava o final dum conto de *lobisome*” (RAMOS, p.2003b, p.56, grifo nosso). O narrador, ao não compactuar com as histórias de lobisomem, nos fornece um subtexto capaz de assinalar algo próximo ao que se esperava do novo Brasil Republicano: nos “confins do sertão” ainda se acreditava no oculto, ao passo que a visão litorânea rechaçava tais ideias por pertencerem a uma legião de pessoas ignorantes e atrasadas. As ideias científicas e darwinistas ganhavam adeptos em vários países, dentre os quais o Brasil, e iriam encontrar um império em mudanças e transição, acarretando um contraponto entre a aceitação popular do sobrenatural com a visão da *intelligentsia*. Afinal, no Brasil, as crenças populares, ao misturarem o culto dos santos católicos com os rituais de origem indígena e africana, sempre estiveram muito fortes no imaginário popular, principalmente no interior do país. Contrariamente, os meios intelectuais e elitizados preferiam buscar respostas nos tratados científicos (DEL PRIORE, 2014, p.50). Dessa forma, o Brasil escravista e monárquico de outrora não compactuava mais com a proposta liberal e republicana que já se difundia em países como França e Estados Unidos da América, “nações nas quais o Brasil deveria se inspirar, afastando-se das arcaicas como as ibéricas” (DEL PRIORE, 2014, p.50).

Diante do embate entre o arcaico e o moderno, era natural que crenças antigas e arraigadas fossem tomadas como o derradeiro aceno de uma sociedade que não evoluía ou não acompanhava o rumo dos acontecimentos. As cidades, promulgadoras das ideias advindas do Manifesto Republicano, passam a servir de inspiração para a zona rural. A construção das estradas de ferro dos centros urbanos em direção às zonas rurais em muito facilitou a exportação das novidades que surgiam nas cidades. Acentua-se, portanto, o espírito progressista que creditava no Império e nas tradições o sinônimo de declínio e imobilismo.

Esse espírito de declínio ou de descrença em relação às tradições fica bem assinalado já nas linhas introdutórias de “À beira do pouso”, quando se apresenta a fala de um narrador que não se compraz com as histórias sobrenaturais do local: “Contavam casos. Histórias deslembadas do sertão, que aquela lua acinzentada e friorenta de inverno, envolta em brumas, lá do céu triste e carregado, insuflava perfeita verossimilhança e vida animada” (RAMOS, 2003b, p.56). Ao desmistificar o passado de lendas, tradições, *causos* e mistérios que compunham a história do sertão goiano, Hugo de Carvalho Ramos o faz exibindo, de forma violenta, as marcas do progresso que avançava em direção ao interior e que, por isso mesmo, contribuía para destruir o passado lendário do local. Se o momento era de transição, as lendas e os mitos ainda tentavam prevalecer no cenário onde a ideia de progresso se fortalecia cada vez mais.

Em “À beira do pouso” se percebe uma intenção deliberada de expor problemas sociais e econômicos do campo advindos após o avanço das relações capitalistas nas fazendas. Além disso, Hugo de Carvalho Ramos, ao desenhar um narrador cético em relação aos casos de assombramentos e tradições locais, também expõe a desintegração dos antigos costumes de narração oral, que se apagavam por conta do avanço do progresso.

Algumas obras de ficção que trazem o sertanejo como personagem principal, principalmente narrativas das primeiras décadas do Século XX, carregam subtextos nos quais podemos ler o mito que narra o surgimento da civilização brasileira deste personagem. A construção, porém, do litoral como espaço superior fez com que os sertanejos fossem vistos como derrotados (ELIAS, 1994 *apud* SUÁREZ, 1998, p.34). Se as narrativas românticas tradicionais, por exemplo, projetavam no passado medieval os triunfos da nação britânica, mitificadas por histórias de lendas e glórias, podemos inferir que, em terras brasileiras, as narrativas regionalistas propunham uma leitura do sertão permeada por feitos e conquistas de homens que contribuíram para a formação do país. Em “À beira do pouso”, o autor não se furta de descrever o homem do sertão em seus pormenores, seu jeito rude e acabrunhado, afinal, no campo da narrativa mítica, o sertanejo é um brasileiro de caráter forte, com maneiras primitivas: “O arrieiro, mestiço traquejado e serviçal, na sua voz grossa e arrastada de cuiabano” (RAMOS, 2003b, p.56). Ao expor o passado mítico do sertão goiano, Hugo de Carvalho Ramos o faz sem deixar de lado a crítica social e os problemas advindos por conta do progresso que corria em direção ao

campo brasileiro. Ramos segue na linha de frente de combate à marginalização do intelectual regional, expondo, através de seus textos, as mazelas e o sofrimento que grassavam no interior de Goiás. Os tipos sociais presentes em “À beira do pouso” denunciam os problemas autênticos da região, revelando que, por trás do fundo folclórico e popular, há mais conteúdo e expressão em relação ao pitoresco e ao exotismo.

Em “À beira do pouso”, o personagem Aleixo, na condição de narrador autodiegético, conta uma história que assume, até pouco antes de seu término, muitas características das primeiras narrativas românticas inglesas:

– Naquele tempo viajava eu escoteiro, no meu jaguané de fama, por estas estradas da minha terra; isso, noitão cerrado e vésperas da Paixão. Manhãzinha, Deus servido, devia bater em Santa Rita pra negócio de precisão e a lua só pela madrugada despontaria.

Marchava apressado, tendo a cortar todo um estirão de oito léguas bem puxadas para alcançar o arraial. Vai senão, ali nas alturas do Bugre, ouço passos cadenciados à minha frente. Olhei, o lugar era ensombrado, o caminho muito estreito e solapado não tinha desvio; e, como lhes dizia, não havia luar. Assim na sombra, assemelhou-se-me a dois homens baixos, conduzindo qualquer cousa, a modo de trouxa, num varão.

Naturalmente soldados em diligência para Santa Leopoldina –, calculei.

Num claro de mato, achegando o animal, vi perfeitamente: eram dois negros acurvados, num andar ora lento, ora apressado, que levavam ao ombro uma rede de defunto. (RAMOS, 2003b, p.57)

A narrativa de Hugo de Carvalho Ramos mantém, dentro do reconto conduzido por Aleixo, uma ocorrência sobrenatural. Ao final, porém, o mistério é desvendado pelo próprio narrador-personagem, e o que seria algo assombroso é, posteriormente, explicado por Aleixo, que, após desenrolar sua história, explicando que a cada investida sua, correndo em encontro aos homens, mais eles avançavam:

Assim andamos bom pedaço, o carreiro mais estreito e solapado, o arvoredo mais fechado e carrancudo, o sítio mais escuro.

Afinal, não ganhava nem perdia, e o pingo a resfolegar já bambo. Sofreei a marcha. Os pretos, bufando alto debaixo da carga, regularam logo a sua andadura pela minha. Pus o sendeiro a passo: eles, do mesmo modo, pausados, em cadência, recomeçaram o movimento primitivo, a passo, desocupados.

Decididamente esquisito, mesmo muito esquisito.

Parei o pingo. Os pretos, imitando, pararam. Fiquei ali imóvel longo tempo, os olhos neles grudados, sem tino, enquanto que o minguante principiava a tingir de açafrao a copa folhuda das árvores, e lentamente ia abaixando a sua luz amarelada sobre o carreiro.

Acorçoado, reencetei a marcha; eles fizeram o mesmo, e assim continuamos por mais de hora, eu calado, apertando nos dedos o cabo encerado do jacaré, eles arcados, pausados, o fardo ao ombro, em cadência de soldados.

De supetão – desfiava eu o creio-em-deus-padre de trás para diante mais uma vez – o carreiro desembocou num campo largo, coalhado de luar.

A lua deu de chapa nos dois carregadores.

Adivinham, se podem, o que vi então, todo apalermado, assombrado mesmo.

– O cuca – aventurou tímido um.

– Qual! Uma vaca.

E perante o assombro descomedido daquelas feições rústicas e encardidas de sol, o Aleixo arrematou com pachorra:

– Pois isso mesmo, os dois pretos arcados, eram seus quartos escuros e a rede de defunto, a barriga malhada. Como o carreiro era fundo e apertado, ela não tivera por onde torcer; o escuro, a solidão daqueles lugares e – pra tudo dizer – o medo, fizeram o resto.

A companhia respirava aliviada. (RAMOS,2003b, p.58-59)

Por fim, ao dar as devidas explicações racionais – o escuro, a solidão daqueles lugares e o medo –, Aleixo sai da manifestação parcial e transitória do insólito e entra no terreno da realidade. Há que se destacar o momento no qual o conto de Hugo de Carvalho Ramos é publicado: 1917. O momento político não mais propiciava crenças em lendas e folclores. A República de 1917 exigia uma postura mais engajada no progresso e nas ideias positivistas. Ramos, ao confrontar dois narradores: Aleixo, o que reconta o caso folclórico e representante da camada da população mais rústica, em oposição ao narrador cético, põe em foco o próprio *zeitgeist* que predominava durante a Primeira República.

Ressalta-se que em Hugo de Carvalho Ramos ainda notamos resquícios do Romantismo por conta do momento de transição, quando o mistério e as lendas permaneciam frente ao progresso que se instalava no Brasil. Suas narrativas são construídas a partir de uma tessitura temática que abarca o discurso progressista do início do Século XX, período em que se refletia sobre os rumos da população brasileira e o papel da ciência em oposição ao discurso do “senso comum”, que dava crédito às crenças e costumes locais. Habilmente Ramos nos mostra, através dos contos “A bruxa dos Marinheiros” e “À beira do pouso”, que as ideias positivistas e o evolucionismo postulados pela elite brasileira, construíram uma pernicioso imagem do sertão que retratava seus moradores como atrasados, indolentes e refratários ao progresso que se esperava do Brasil republicano.

Em 2017, *Tropas e boiadas* comemorou seu centenário. Infelizmente, as condições no campo brasileiro ainda se assemelham às condições vivenciadas pelos sertanejos de “A bruxa dos Marinheiros” e “À beira do pouso”. Infelizmente em várias regiões do Brasil o campo se mantém composto por trabalhadores analfabetos, doentes, sem direitos trabalhistas e expostos a degradantes jornadas de trabalho. Ainda há trabalhadores, no meio rural, que vivem sob condição de extrema miséria. Alguns se mudaram para a cidade, compondo os quadros de subemprego ou reforçando a mobilidade como fuga à sujeição econômica. Outros se mantêm

apegados às crendices das “bruxas” e “feiticeiras” como forma de apaziguarem a miséria que ainda acreditam ser obra do destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo após a independência do Brasil, com o avançar do processo de exploração, continuávamos sob o jugo de forças externas. Nesse momento, especificamente na virada do Século XIX para o XX, as ambições capitalistas britânicas, seguidas das norte-americanas, fizeram do Brasil um país neocolonizado. Passávamos a ser comandados pelo avanço industrial que já grassava no continente europeu. A condição de alienação, imposta ao colonizado, é levada às últimas consequências, e a ideia de superioridade desemboca no preconceito em relação ao interior de nosso país, conforme visto nos contos de Hugo de Carvalho Ramos. No conto “À beira do pouso”, narrador, embora mantenha uma postura cética ao longo da narrativa, resolve, ao final, dar créditos às abusões; enquanto que, em “A bruxa dos Marinheiros”, as crenças estão muito atreladas ao próprio cenário: decadente e entrando em processo de extinção.

Através dessas diferentes modulações narrativas, pudemos também demonstrar a hipótese da organicidade colonialista. Não apenas os europeus seriam nossos exploradores. Essa engrenagem pode funcionar dentro do mesmo país, entre a cidade e o interior, na relação, por exemplo, entre coronéis do latifúndio e seus empregados. Quando o litoral passa a olhar nossos sertões com a superioridade europeia com a qual nosso país era visto, o *ethos* da colonização europeia no Brasil se faz presente no interior.

Outrossim, a decadência e o abandono, tão presentes nos contos de Ramos, comunicam-se com aspectos das narrativas românticas inglesas, que retratam espaços decadentes e dominados por superstições, numa clara alusão à queda do imperialismo britânico. Em nosso país, semelhantemente ao que acontecia nas colônias britânicas, as sociedades sertanistas que não se submeteram às jornadas de trabalho exaustivas ou às relações de compadrio coronelistas passam a compor os quadros de miséria, cabendo-lhes poucas opções. Resta-lhes apenas o abandono no próprio campo ou o êxodo rural, que ganha força na segunda metade do Século XX. A história do Brasil nos mostra que esse êxodo deixou mulheres e idosos ao abandono, desagregou famílias e possibilitou que doenças e enfermidades se alastrassem pelo sertão. A essas pessoas só restou a crença em milagres e a fé divina.

Destacamos, portanto, não só a presença de elementos presentes próprios das narrativas britânicas nas narrativas regionalistas brasileiras, como também a importância de um escritor que contribuiu para a história da Literatura Brasileira interiorana, distante das salas de aula das capitais e centros urbanos. As personagens que seguimos nas narrativas de Hugo de Carvalho Ramos, imbuídas de barbarismo, monstruosidade, atraso ou ignorância, trouxeram-nos inquietações muito atuais, avivando uma época bárbara que talvez persista até hoje em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1836-1880*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Aspectos do romance brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, s.d.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora UFG, 2010.
- DEL PRIORE, Mary. *Os do outro lado. A história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.
- GONÇALVES, Davi. *Atualização das formas simples em Tropas e Boiadas*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- MONTEIRO, Maria Conceição. *Na aurora da modernidade: a ascensão dos romances gótico e cortês na literatura inglesa*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.
- NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RAMOS, Hugo de Carvalho. Caminho das tropas. In: *Tropas e boiadas*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003. p.19-24.
- _____. A Bruxa dos Marinheiros. In: *Tropas e boiadas*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003a. p.30-38.
- _____. À beira do pouso. In: *Tropas e boiadas*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003b. p.56-59.
- _____. Gente da Gleba. In: *Tropas e boiadas*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003c. p.85-179.
- SILVA, Alexander Meireles. República velha, decadente e colonial: configurações do gótico brasileiro finissecular. In: GARCÍA, Flavio; GAMA-KHALIL, Marisa Martins (Org.). *Vertentes do insólito ficcional. Ensaios I*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015, p.35-54.
- SUÁREZ, Mireya. Sertanejo: um personagem mítico. *Sociedade e cultura*, Goiás, v. 1, n. 1, p.29-39, jan./ jun. 1998. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fchf/article/view/1777>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

TELES, Gilberto Mendonça. *O conto brasileiro em Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio Grande do Sul: EDELBRA, s/d.

VICENTINI, Albertina. *A narrativa de Hugo de Carvalho Ramos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FABIANNA SIMÃO BELLIZZI CARNEIRO é Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (2013) e Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2017). Atualmente é professora adjunta da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, atuando como Professora de Literatura, Leitura e Ensino. Tem experiência na área de Letras com ênfase em Estudos Literários, Literatura Comparada e Literatura Fantástica (em sua vertente do Gótico), atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e alteridade, Identidade e Cultura e pensamento social e político brasileiro. Dentre suas publicações estão o artigo "Abjeção, deformidade e canibalismo nos contos *As morféticas* e *A mulher que comeu o amante*, de Bernardo Élis" (E-scrita, 2018) e o capítulo de livro "Um retrato do sertão goiano: diálogos possíveis entre o Gótico e o Expressionismo em uma narrativa de Bernardo Élis" (Dialogarts, 2017).